

# Carlos Drummond de Andrade – Aparição amorosa

Doce fantasma, por que me visitas  
como em outros tempos nossos corpos se visitavam?  
Tua transparência roça-me a pele, convida  
a refazermos carícias impraticáveis: ninguém nunca  
um beijo recebeu de rosto consumido.

Mas insistes, doçura. Ouço-te a voz,  
mesma voz, mesmo timbre,  
mesmas leves sílabas,  
e aquele mesmo longo arquejo  
em que te esvaiás de prazer,  
e nosso final descanso de camurça.

Então, convicto,  
ouço teu nome, única parte de ti que não se dissolve  
e continua existindo, puro som.  
Aperto... o quê? A massa de ar em que te converteste  
e beijo, beijo intensamente o nada.

Amado ser destruído, por que voltas  
e és tão real assim tão ilusório?  
Já nem distingo mais se és sombra  
ou sombra sempre foste, e nossa história  
invenção de livro soletrado  
sob pestanas sonolentas.  
Terei um dia conhecido  
teu vero corpo como hoje o sei  
de enlaçar o vapor como se enlaça  
uma ideia platônica no espaço?

O desejo perdura em ti que já não és,  
querida ausente, a perseguir-me, suave?  
Nunca pensei que os mortos

o mesmo ardor tivessem de outros dias  
e no-lo transmitissem com chupadas  
de fogo aceso e gelo matizados.

Tua visita ardente me consola.

Tua visita ardente me desola.

Tua visita, apenas uma esmola.

**Carlos Drummond de Andrade, Farewell**